

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA

Redactor e chefe ----- Dr. Antonio Bento de Souza e Castro

Anno IV

REDACÇÃO
LARGO SETE DE SETEMBRO
Typographia UNIÃO

São Paulo, 13 de Maio de 1890

NUMERO AVULSO
100 rs.
Propriedade de Diniz & Sol

N. 140

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 13 DE MAIO DE 1890.

Depois de tantos seculos de soffrimentos para uma raça infeliz, uma pleiade de gigantes fez baquear o monumento terrível da escravidão.

Mais um anno se passa depois da grande victoria e não nos consta até hoje que aquelles, que depois de tantos annos de escravidão, entraram para o seio da sociedade, a perturbassem por qualquer forma.

As rendas do Estado crescem de dia para dia.

Só falta neste paiz bons governos para que elle seja grande, e o maior das Americas.

A proclamação da republica no dia 15 de Novembro não teve a importancia da lei aurea que confraternizou a humanidade.

Comparar os apóstolos da abolição com os apóstolos da republica é cousa quasi impossivel.

Os primeiros, depois de uma luta gigante, em que muitos baquearam aos golpes traiçoeiros dos escravocratas, e ás perseguições dos governos estúpidos, contentaram-se unicamente com o consolo da propria consciencia e entenderam que libertar a patria era dever de todo o cidadão honrado.

São os verdadeiros patriotas.

Os segundos fizeram uma propaganda só de palavras, sempre protegidos por governos fracos.

Quando o exercito e armada cansados de soffrer tantas injustiças resolveram destruir a forma de governo que regia este paiz, elles procuraram proveito disso para pedirem recompensa da propaganda que tinham feito.

Não ha hoje republicano que não seja empregado publico.

Ao passo que os abolicionistas perseguidos pelo antigo regimen, continuam a ser desprezados, pelo novo systema.

Consola-nos porém uma verdade.

Si os abolicionistas são os parias desta patria, si os escravocratas de todos os partidos são os que governam, o patriotismo, a grandeza, a força de vontade e valentia pertencem unicamente aos abolicionistas que são os unicos cidadãos desinteressados e patriotas deste paiz.

Deus te salve o dia 13 de Maio!

Tu representas uma grande data para o Brazil; a victoria do povo contra todos os governos.

Já que não podemos abraçar todos os nossos antigos companheiros, no dia em que a patria comemora os nossos feitos, recebam ao menos as nossas saudações que daqui lhes enviamos.

Ultimo 7 de Setembro da monarchia

Ainda está na lembrança do Zé povinho, que sempre foi o sustentáculo desta folha, o festejo do ultimo dia 7 de Setembro nesta capital.

Estava o partido liberal no poder, governava S. Paulo a Queirozada.

O Albuquerque Lins, de Cartola torta e passo de garça, passeava por todos os pontos de S. Paulo, sempre rodeado de uma porção de pretendentes.

O Guerra, de Santa Thereza, parecia que dispunha de todas as influencias legitimas, deste torrão abençoado.

O Bráulio Ludgero, com aquella enorme barbaça, fallava mais alto que os outros homens.

O Antonio Francisco, babando de gosto pela sua popularidade, já não tinha força no olho esquerdo para sustentar aquella luneta, prima-irmã de uma que tem o capitão Couceiro, do Corpo de Permanentes.

O general Couto de Magalhães, com chinellos velhos e ceroulas sujas, dirigia todo o movimento hydraulico da politica, ordenando que se creassem directórios por toda a parte, para mostrar a força e pujança do partido liberal.

O Castilhinho, o Gonsaguinha, esses, eram mais do que esses condes e viscondes, que, hoje de cabeça baixa andam pelas lojas proseando com os caixeiros das ditas, porque os patrões já não lhes prestam attenção.

Approxima-se o dia 7 de setembro. Do Palacio principiam a chover convites para todas os cidadãos afim de assistirem ao enorme, esplendido e estuendo *Te Deum-Laudamus*, que o general que presidia os destinos do governo mandava celebrar em gloria da independencia do nosso paiz.

Onze horas batia no sino da velha Sé e uma enorme aluviação de vagabundos de todas as idades e sexos já estava no Largo á espera dos convidados que tinham de entrar.

O batalhão do corpo policial, com os botões das fardas todos areados, fazia manobra de arreganho, no Largo do Carmo e o gordo Arlindo, netto, por afinidade do Joao Bunda, tocava em uma cornetinha as modinhas das antigas ordenanças portuguezas e todos os cornetas respondiam num jamegam damnado.

Mais atraz vinha um sargento alto, com o cavagnac pouco menor que o do Bráulio Ludgero, tocando samba num tamborsinho, muito pequenino, rufava que era um horror.

O Mimi com a cabeça cheia de cosmetico e a garganta cheia de oriz dirigia todo o movimento musical.

Na esquina da Igreja de Santa Thereza e em frente ao palacio Episcopal, foram collocados cornetas para avisarem a chegada do Alli-Babá.

A uma hora o cornetinha do palacio deu um signal que foi correspondido pelo do palacio do bispo, repetido pelo de Santa Thereza, gritando o commandante da batalhão—Sentido.

Foi um alvoroço no povo, todos queriam ver esse homem, unico no Brazil que fez fortuna com a politica.

De repente, despontou no oriente de Santa Thereza o homem, o gigante fardado de general, com uma farda, é bom dizer-se, surrada pelo tempo e pelas campanhas, pallido, arrastando uma perna, cheia de mereçamas ganhas nos combates que se deram nos campos da Belisaria, nas margens do caudaloso rio Araguaya e os tambores começaram a rufar, as cornetas a miar e a musica num impeto de alegria, tocou o velludinho.

Estabelecidas as cousas neste ponto, principiou o *Te-Deum*, cuja orchestra era de um harmonium velho com duas vozes, do Benedicto Cavallo e Chiquinho dos Toucados.

Foi uma festa esplendida!

Assistiram muitos desembargadores, alguns com suas commendas, lentes da Academia, mais de quatro centos engenheiros, a commissão geologica, levando o Sampaio fardado de azul e o Lofegrim com aquella falla trançada a explicar a natureza das plantas e uso do cipó sumo.

Não vimos se foram lá marquezes, condes ou viscondes, por não vermos essa gente.

Foi uma festa de espavento, onde o general fez um papel, como nenhum presidente ainda fez em S. Paulo.

Acabado o *Te Deum* o sr. general entrava para sua casa e com uma colher de ferro de dois vintens, das que se vendem no Lebre & Irmão, comia um pamona de feijão com torresmos, dando a colher de vez em quando ao Jesuino Dente Secco, para tirar um bocadão.

Caro leitor era uma só colher para dois. No dia 15 de Novembro todos aquelles desembargadores, lentes e commis-

são geologica com *Grinfone* explicando a natureza do cipó sumo foram a palacio cumprimentar os novos governadores e adherir á republica.

Eis como se deu o ultimo dia 7 de Setembro da monarchia nesta provincia, hoje Estado.

N. S. dos Remedios

Hoje ás dez horas da manhã dar-se-ha com toda a solemnidade a festa de N. S. dos Remedios, constando de missa cantada.

Deixa de haver sermão porque tendo sido encarregado delle o Reverendissimo Padre Barroso e não havendo presentemente, nesta capital, padre abolicionista que o substitua, resolveu a irmandade suprimir essa parte.

A tarde haverá procissão, finda a qual será cantado um *Te-Deum* em acção de graças pela libertação dos escravos no Brazil.

Guarda civica

Hoje consta que percorrerá as ruas da cidade em grande uniforme a guarda civica, creada nesta capital quatro dias depois de proclamada a republica.

Irá á testa do batalhão popular o coronel de estado maior de 5.^a classe João Rudge, um dos ornamentos da sociedade paulistana.

Servirá de major mandante o Benzinho das ditas que aproveitará o ensejo para distribuir pelo Zé povo, um novo plano de loterias que só dá bilhetes brancos.

Como havia difficuldade em musica, para puxar o batalhão, o coronel Joao Rudge, que é dente secco para tudo que diz respeito a saneamento, mandou contratar quatro violeiros em Juquery e vai-se ver pela primeira vez no mundo, um batalhão puxado a violas.

O caso é que todos estão admirados do civismo, dedicação e compostura desses bravos cidadãos que vão fazer a gloria de nossa patria.

O coronel João Rudge não tendo tempo sufficiente para fazer o seu fardão, consta-nos que o sr. Luiz Pinto Homem de Menezes lhe emprestara o seu fardamento de coronel dos indios da freguezia da Escada.

Outra difficuldade tambem que o sr. Rudge venceu com a pericia que lhe é propria, foi o conseguir armamento para o batalhão, pois, só da cabeça do nosso antigo collega João Rudge poderia sahir tão luminosa idéa que é a seguinte:

Não existindo no Trem bellico senão adagas de ganchos, todas enferrujadas, do tempo do jamegam elle mandou na Casa Verde, estabelecimento importante, que fica nas margens do caudaloso rio Tieté, em cujas fraldas, sem ser de camisa, o ultimo presidente da monarchia, assentou um laranção de ferro, que tem um buraco por onde se enxergam as estrellas, fazer uma porção de bodoques, de sorte que, cada um dos soldados do batalhão, patriótico levará uma patrona cheia de pelotes e o competente bodoque.

Estamos já babando de contentes para vermos desfilar pela rua da Liberdade, esse batalhão gigante, que tem de sustentar a integridade da nação e consolidar as instituições.

Gloria ao coronel João Rudge. Gloria a esse grande cidadão, que nos tempos em que todos tremem elle sabe reunir uma porção de homens sob seu commando, e, no dia em que a patria celebra a maior de suas festas mostrar a firmeza e tesura dos seus soldados.

AOS ABOLICIONISTAS

São convocados todos os abolicionistas, nacionaes e estrangeiros, para uma reunião hoje á uma hora da tarde no salão da Igreja dos Remedios.

A reunião tem por fim tratar de distribuir medalhas, aos apóstolos da liberdade.

ANTONIO BENTO.

Rio do Peixe

Lembram-se os abolicionistas que na Penha do Rio do Peixe creou-se uma horda de escravocratas que quiz por todos os meios apagar a luz da liberdade que já lançava seus raios luminosos sobre aquelle torrão amaldiçoado.

Esse grupo maldito conseguiu matar de uma forma barbara um pae de familia, Joaquim Firmino, que exercia o cargo de delegado de policia e era o chefe abolicionista.

Foram absolvidos todos esses cana-lhas e patifes porque contaram com magistrados corrompidos que não sabiam cumprir os seus deveres e com jurados que nem comprehendiam um juramento por serem analfabetos.

A Providencia Divina ha de fazer a justiça, que não souberam fazer os homens, e cada um desses assassinos terá neste mundo mesmo o castigo que não quiseram nem souberam dar, os juizes da terra.

Envergonhados mudaram o nome dessa localidade para o de *Itappra*.

Seja esse nome sempre amaldiçoado pelos abolicionistas.

A verdade é que o defensor desses assassinos, foi o sr. dr. Brasílio Machado, que hoje exerce o cargo de director do Banco de Credito Real, levanta dinheiro em bancos, compra acções, predios etc., etc., e ainda conta com a protecção do nosso chefe, conselheiro Dantas.

Vejam o que é o mundo!

A proclamação da republica

Dizem-as photographias em amostra, nas vitrinas da casa Lebre & Irmão e uma tambem que vimos na casa da Lebre, no meio de conservas inglezas, molho inglez e vinhos falsificados, que no Rio de Janeiro, no dia 15 de Novembro o exercito e armada proclamou a republica.

Realmente na photographia vem pintado o Generalissimo Deodoro á frente de um enorme exercito, composto de cavallaria, infantaria, armada e artilharia.

Quantas borradas se deram por lá, não sabemos nós, por apenas conhecermos o facto pela photographia.

Em S. Paulo, porém, que estivemos presente, não podemos deixar de ter medo dos terriveis rompantes que se deram.

Aqui o negocio foi de fiar-se fino. Calcule o leitor que ás 9 horas da manhã, corriam as ruas da cidade o Novaesinho, com enorme charuto, mettido numa piteira, armado de clavinote; e nosso caiphaisinho Carlos Garcia, tambem de clavinote e bem assim o Pereira Pinto e outros á procura de inimigos.

Nós e o Maneco da Ponte mettemonos debaixo de uma barrica, que tinha sido furada para acondicionar laranjas selectas e assim escapamos de ser victimas de qualquer engano.

Quando nos vimos livre do perigo corremos pela rua de S. Bento abaixo e qual não foi nossa admiração vendo o Barrinhos do *Radical*, armado unicamen-

te com sua barriga e trazendo um molete carregando o clavinote.

Calcule o leitor se houvesse inimigos como o Barros se arranjaria.

Nestas tristes considerações em que estávamos, passamos pela rua do Quartel e lá vimos um reboliço medonho.

Fomos verificar o que seria... nada mais era que a dificuldade que encontravam os militares em mover umas enormes peças, do tempo das adagas de gancho, fabricadas em 1401 por João Fel-pudo.

Amáveis leitores acreditem que ao depois que acendeu-se o morrao da peça (pois era de caralheti) fomos a Santo Amaro, almoçamos, estivemos em casa do vigário vendo as assombrações e quando voltamos, uma hora ao depois foi que deu o tiro!!!

E' preciso confessar-se que apesar de não haver opposição á proclamação da republica, porque o povo ha muito estava cansado com o dominio de duas familias que governavam absolutamente esta terra, nem por isso deixaram os chefes republicanos de impallidecer

Não era mais do que o gosto de pegarem no cacho de uvas que esteve verde, por tantos annos.

A unica pessoa que soffreu nesta terra, no dia da proclamação da republica, foi a porta da arrecadação do Quartel que tomou um tiro de um valente patriota.

A porta coitada, apesar de ficar com a barriga furada, não reclamou, não morreu e nem chorou

Depois da posse, que foi na sala da Camara, dirigiu-se o prestito para o palacio do Governo, onde estava o bravo general Couto de Magalhães, coberto de chagas que recebera, não nas campanhas de Cupido, mas, nas de Matto Grosso.

O general entesou-se todo, lembrou-se de suas glorias passadas, dos sacrificios que toda a vida fez pela patria, tão ingrata para elle, que apenas lucrrou um observatorio donde pôde ver, isto mesmo por um oculo a estrada do Rio Verde, o monopólio de carne no Pará, a navegação do Araguaya, todos os terrenos marinhos do Pará, estrellas fixas girando ao redor dos hancos.

Num arroubo de valentia procurando o bravo general o seu glorioso chafalho, quando vai puxar a durindana, sahio de dentro uma ninhada de gatos, que sabendo não ter ella servido para cousa alguma fizeram alli a sua residencia fixa.

Em vista destas tristes considerações resolveu elle entregar o governo á republica, pedindo aos ditos que lhe nao dessem vaías nem vivas.

Foi uma triste historia igual áquella que na *Grã Duquesa* contava um borra botas a respeito de Jacques.

Estabelecidas as cousas neste ponto, lá sahio o nosso general, tremulo e pallido, acompanhado da flôr da gente do partido liberal, levando como seu secretario o Augusto de Queiroz e como casaca de ferro o Jesuino dente secco, com cabelleira ainda maior que a do Perereca.

O Augusto de Queiroz que gosta de idéas adiantadas gritou logo: *viva a republica*

O unico que conservou-se sério, risinho, cadaverico e cheio de vida, foi o Albuquerque de Lins, que com o passo do Serpa, quando fazia de Centurio, na procissão do Senhor Morto do Carmo, impavido caminhava, chorando o baque medonho que tinha tomado toda a sua influencia.

Antes do sr general Couto chegar a sua casa, que não é muito longe do Palacio do Governo, o acompanhamento tinha todo desaparecido á excepção do Dente Secco que até essa hora nada tinha comido.

Assim o Zé povinho baqueou e cahiu uma instituição que nos governava desde 1500,

Hoje podemos dizer como os gregos... aqui foi o lugar em que outrora existiu Troya.

Recordação historica

Ha dous annos que as cadéas da escravidão desprenderam-se aos fortes embates da Liberdade!

Ha dous annos que os batalhões abolicionistas, depois de uma lucta tremenda de odios, de perseguições, de rancores e de vinganças, em que a estrategia e a sombra substituíam as armas e o direito, suspenderam os seus ataques e recolheram-se ás suas tendas com os sacrosantos lábaros da redempção, deixando por terra aniquilado o inimigo

da patria e do seu engrandecimento— a escravidão—, que tanto deprimira a nossa nacionalidade.

Fulgurante como o sol, brilha, pois, nas paginas da historia a immorredoura data—13 DE MAIO DE 1888.

O nosso bello e immenso paiz, que deveria hoje senão igualar, ao menos approximar as grandezas Norte-americanas, permanecera por tantos annos manietado sob o duro regimen colonial e servil, que, pôde-se affimar, a nossa vida como nação livre, começou em 13 de Maio de 1888, aperfeçoando-se, ou completando-se depois a 15 de Novembro de 1889.

Apezar dos grandes principios proclamados pela Revolução Franceza em 1789, principios esses que derramaram-se por todas as nações cultas do globo, o Brazil continuou sempre sob o dominio da oppressão colonial e servil, desenvolvendo-se contra seus filhos que tentavam apenas a sua emancipação colonial e um regimen democratico as mais cruéis e barbaras perseguições, cujas victimas, ao mesmo tempo que enlutaram o passado, também projectaram sobre o futuro os clarões da «Liberdade», que hoje illuminam a patria Brasileira.

Bemditos sejam, pois, os patriotas, que sacrificaram-se pela liberdade, taes como Tiradentes e seus companheiros em 1792; Martins, Mendonça, padre Almeida e outros em 1817.

Em 1822 Pedro I, incompletamente, procurou satisfazer o ideal, que fizera correr tanto sangue patriótico; e, em vez de completar, ao menos, a parte politica desse ideal, ampliando as suas franquezas, commetteu taes e tantos desatinos, que a nação obrigou-o a depôr a corôa nas mãos de seu filho e a retirar-se para a Europa. Foi isso em 7 de Abril de 1831, depois de um reinado de pouco mais do oito annos.

O Brazil então sob a regencia e depois sob o governo directo de Pedro II, alcançou maior somma de liberdades, que reclamava para seu desenvolvimento; mas essas mesmas liberdades foram sempre concedidas com restricções, quer no ramo civil, quer no politico e quer no administrativo.

A propria liberdade do escravo, que deveria ter sido assumpto do mais serio estudo, attenção e prompta resolução, por estar o paiz aviltado pela escravidão, que o incompatibilisava com as nações livres, só 40 annos mais tarde é que mereceu a Lei de 28 de Setembro de 1871, lei incompleta e cheia de subterfugios.

A lexrecrescencia legislativa, com o nome de Lei de 28 de Setembro de 1885, merece sómente que um espesso véo se estenda sobre a sua existencia.

Portanto, a Lei de 13 de Maio de 1888 foi a unica que consagrou a liberdade perfeita, e que por isso mesmo concretisou em si todas as glorias patrias, abrindo efficazmente as valvulas da civilização a esta grande nação.

Quantas injustiças nao tem manchado as paginas de nossa historia!

A Liberdade sempre opprimida, o absolutismo disfarçado sempre de pé, e o povo, que não era escravo, constituindo-se um automato á disposição dos aulicos, tem sido o espectáculo constante que tem-se representado em nossa vida nacional!

Que maior injustiça, que maior perversidade poderá a imaginação humana conceber, do que a destruição da Republica de Palmares!?

Quarenta infelizes pretos, fugindo ao barbaro azorrague do captiveiro, refugiaram-se em Palmares, distante de Pernambuco cerca de 30 legoas, e ahi fundaram a sua republica.

Conseguiram mulheres indias e mestiças, e desenvolveram-se desde 1630 até 1695, elevando a sua população a vinte mil almas.

A principio, urgidos pela fome, furtaram nas vizinhanças; mas logo que fizeram plantações e que estas suppriram os seus meios de subsistencia, deixaram os furtos e se occuparam do progresso de sua republica, augmentando a sua lavoura, creando pequenas industrias, estabelecendo commercio com os vizinhos, fazendo leis e aclamando o seu presidente que denominaram «Zambi».

O Brazil que precisava desenvolver-se, o Brazil que sempre reclamou falta de braços e de população, ficou em 1695 privado desse elemento de prosperidade, pois que organisaram-se forças armadas, que lá foram, aniquilar a republica, roubando a felicidade e a vida de tantos seres, que tinham o direito de viver, gozar da liberdade e ser felizes.

Foram destruidos; mas sustentaram galhardamente a lucta enquanto dispuseram de munições; e quando estas se exgotaram e não puderam mais resistir, para evitarem o miseravel e infame captiveiro, precipitaram-se de rochedos fazendo rolar os seus corpos aos pedaços aos pés dos barbaros vencedores

Os prisioneiros suicidaram-se, trucidaram os filhos e as mulheres; e em falta de outros meios de morte, muitos se deixaram acabar á fome.

A Troya dos negros foi arrazada, mas a memoria dos seus heróes ficou e ficará como um nobre protesto da liberdade humana contra os miseraveis que a tem explorado.

Salve' pois, ó glorioso 13 de Maio, aureola candida da Liberdade; a patria agradecida vos tributa as mais justas homenagens. neste vosso 2.º anniversario, cobrindo de bençãos aquelle que mais collaborou para vossa existencia erguendo o sentimento do patriotismo e prestando ao engrandecimento nacional os mais assignalados serviços:—o immortal Antonio Bento.

13 de Maio de 90.

JOÃO CANDIDO MARTINS.

13 de Maio

Pela primeira vez, depois da liberdade da patria, celebrámos nesta capital a festa da liberdade dos homens.

O dia de hoje tem, pois, para nós irradiações estranhas, e a alma brasileira sente-se satisfeita, oxigenada, forte, porque respiramos um ambiente purissimo, livre da oppressão e do crime pela exploração do homem, livre da oppressão politica pela exploração da patria, livre da oppressão das consciencias pela exploração religiosa!

Livres! Livres como a ave que as mãos frageis de uma criança ou de um rei, tivessem por longos annos encarcerada, definhando-se e enfraquecendo-se dia a dia nesse captiveiro, e que debatendo-se desesperadamente contra os varões de seu carcere conseguisse quebral-os um dia, e transpuzesse em vôo triumphante as regiões do azul, pairando alto, bem alto, onde não chegue a crueldade dos homens, para atirar de lá sobre a terra os trilos de seus hymnos festivos!

Livres! Livres como o selvagem escravizado que fosse arrastado para o captiveiro da civilização, nelle permanecendo annos e annos esquecidos, e que um dia esmagando a cabeça a seu carcereiro, voltasse a embrenhar-se na vastidão das florestas, para junto dos seus na cabana silenciosa, a juntar sua voz á pocema dos companheiros da tribu!

Livres! Livres como o soldado que tendo sido aprisionado pelo inimigo, é despojado de suas armas e condemnado a servil-o em todos os seus caprichos, e que um dia vê esboroarem se e ruirem por terra as paredes que o encerram e, expulso seu inimigo, volta para o lar, cantando o hymno da victo ria, e vai abraçar a esposa e os filhos, chorando de prazer, dando largas ao coração oppresso pela saudade e pelo amor da patria, no beijo carinhoso dos filhos!

Pela primeira vez, depois da liberdade da patria, celebramos a festa da liberdade dos homens.

Essa festa resume-se num hymno, doce, vibrante e masculino porque é um mixto do trinar do passado, da alegria do selvagem, e do canto patriótico do guerreiro!

HIPPOLYTO DA SILVA.

13 de Maio

A immensa onda regeneradora rasgando de uma só vez os fortes recifes que se antepunham ao movimento civilizador, foi deslizando-se mansamente pela superficie maritima até cobrir as paginas do livro vergonhoso, que narrando os acontecimentos brasileiros trazia estampada no seu frontispicio a torpe palavra—escravidão.

O povo é a força positiva que caminha a frente de todas as idéas. E' elle que tem o direito de proclamar a sua liberdade individual, porquanto si remontarmos aos tempos primitivos, as epochas do despotismo, as tyrantias atrozes, veremos que essa liberdade individual

sempre foi consagrada a todos igualmente. E' esta a base da escola racionalista.

Entretanto o povo brasileiro buscando norma de proceder nos tempos primitivos, fez por uma grande violação de todos os principios puramente racionais, por uma transgressão das leis primitivamente estabelecidas, a desgraça de tantos homens, que si de um lado viam as paginas do futuro cheias de luz e liberdade, de outro lado viam as paginas do presente cheias de horror, no centro das quaes liam-se as palavras soffrer e morrer.

O sentimentalismo que faz condoer o coração de um povo ao lembrar-se que o seu passado foi negramente decorrido, que as suas esperanças baquearam sem proveito passou por sobre a massa da escravidão como um sonho passa pelo cerebro de uma entidade!

Seculos mais tarde essa massa martyrizada volvia os sentimentos para os tempos passados, para ver se buscando os destroços da antiguidade podia encetar a sua viagem por uma estrada novamente traçada, que no seu ideal ia terminar no mundo do progresso que tinha como distinctivo—o pendão da liberdade. Chegaram as pobres victimas ao mundo do progresso, esse mundo negou-lhes a liberdade! Bateram-se desesperadamente. Embalde clamavam por seus direitos, perdendo-se os seus gritos na immensidão, como o sopro da rajada expira logo que passa! Passaram-se seculos, agonias horripilantes, para que esses gritos desconsu lados chegassem as portas de um protector, que abandonando os seus interesses, sacrificando a sua propria existencia, correu ao mundo da liberdade levando como norma de proceder—vencer ou morrer! Esse protector cujo valor inestimavel está ainda bem patente na memoria do povo agradecido cujos feitos gloriosos jamais serão sepultados no leito do esquecimento, foi o cidadão dr Antonio Bento, que longe de constituir uma personalidade nobre e distincta, constitue um povo uma raça privilegiada por seu character nobre e elevado.

Finalmente travou-se a encarniçada guerra entre duas parcialidades, tendo uma como linha de divisão a cruz da liberdade, e outra a cruz do servilismo. Em todos os combates que se travaram, o dr. Antonio Bento como o soldado glorioso do futuro, a liberdade á raça soffredora, proseguiu considerando perdida a sua existencia, até que viu a sua obra coberta pelas corôas da victoria, tendo nos seus ardores a insignia—gratidão e amor.

S. Paulo, 13 de Maio de 1890.

ARMINDO FREIRE

Padre Barroso

Ainda sob a triste impressão que nos causa o desaparecimento de um amigo, pegamos na penna para escrever estas linhas repletas de saudades, pelo fallecimento do nosso antigo companheiro de luctas o padre Francisco Gonçalves Barroso.

Todos os abolicionistas conhecem que o padre Barroso, nao foi um simples soldado da phalange abolicionista, mas, um chefe.

A elle tocou a gloria de presidir a penultima reunião abolicionista, a mais renhida e tempestuosa que tivemos, porque o governo do sr. Almeida Couto entendeu dever pôr agentes seus, no directorio do movimento, o que causou vivo protesto da parte daquelles que não queriam de forma alguma a intervenção do governo na abolição.

No dia seguinte á reunião presidida pelo reverendo Barroso, o chefe de policia Arnaldo de Oliveira, mandava recolher para a casa de Correção os nossos companheiros, do Brazil, Villa Maria, Bicuê e Granja.

Padre Barroso no dia seguinte retirou-se para Santos e só voltou para esta cidade, na occasião do Synodo Diocesano.

Padre Barroso prestou relevantes serviços á Igreja durante o tempo que residio neste bispado.

Foi parochio em diversas localidades, foi jornalista em Santos e ultimamente, quebrado pelos annos e descrente de seus irmãos em Christo, vivia no Largo da Liberdade, onde tinha um

Externato, contentando-se em ensinar 30 meninos, tirando disso os meios de subsistência.

Ha um anno pouco mais ou menos desejando o padre Barroso ter uma cadeira de conego da Sé e estando em concurso dois lugares, apresentou-se elle candidato a um desses beneficios.

Soffreu tao tremenda guerra de seus irmãos em Christo que chegamos a nos convencer que mesmo na Igreja se faz distincção entre o branco e o mulato.

Indeferiam suas petições, occultavam dactas, escondiam papeis, e no fim de contas, como havia perigo que o governo decidisse a favor do padre Barroso, suspenderam de ordens, a esse padre que tinha prestado 28 annos de serviços no bispado!

Eis ahi o que é a justiça da Igreja!

Negar-se um beneficio a um pobre padre velho porque era mulato, ao passo que uma porção de pelintras, que nenhum serviço tem prestado á Igreja, andam por ahi, com curtas batinas, mostrando pernas vermelhas, fazendo o Zé-povinho se persuadir que o cargo de conego não se confere aos padres que mais serviços tem prestado á Igreja, quando sao mulatos, mas sim, aos branquinhos de borra que só servem para desacreditar a religião.

Essa injustiça clamorosa que soffreu o padre Barroso teve um solemne protesto no seu enterro que foi o mais concorrido que padres tem tido.

Notamos entretanto, que S. Exc. Reverendissima o Sr. Bispo D. Lino, não fosse á testa do seu clero acompanhar o enterro do nosso amigo e companheiro de luctas abolicionistas.

Acredite S. Exc. que hoje é preciso que os Bispos dispam o orgulho e não se encerrem em seus palacios como especies de Pygmalões invisiveis ao povo.

Ha tempos que o povo comprehendeu que só será por aquelle que fór por elle.

Acredite S. Exc., que muito mais lucraria acompanhando como simples padre o enterro de um benemerito da abolição do que encerrando-se como um rei, dentro de seu palacio e tornando-se invisivel ao povo.

Console-se o nosso amigo padre Barroso porque se para aquelles que vão deste mundo fica ainda alguma cousa de humano, com que possa lhes dar o conhecimento do que se passa na terra, elle terá visto que as homenagens que lhe prestaram seus amigos, foram desinteressadas e sinceras, porque não deixou neste mundo quem pudesse corresponder ás provas de estima que recebeu.

Levantamento de Cruz

Era costume dos Jesuitas, quando andavam fazendo missões por esses lugares do interior, depois de confessarem por espaço de 3 ou 4 dias e pré-garem, fazerem, no ultimo dia, uma especie de festa, que chamavam—Exaltação de S. Cruz.

Era bonito ver-se uma enorme quantidade de homens carregando uma grande cruz unicamente com a esperança de obter a salvação, isto é, o reino do céu.

Agora acabam os republicanos, depois de algumas predicas, de levantar uma enorme cruz, que não admittiram que outros carregassem senão—os da ninhada.

Dois escravocratas carregavam a ponta e o resto a rabada da cruz.

Todos elles ganharão o reino do céu quando morrerem, e n'este mundo muitos *nicoldos*.

Vejam, se é ou não verdade o que affirmamos; lemos no *Diario Popular* do dia o seguinte:

Ante-hontem, primeira reunião do Banco de S. Paulo, de que é Presidente o sr. Lacerda, foram nomeados para Vice-presidente o sr. João Baptista de Mello Oliveira; para gerente da carteira commercial o sr. director Vitorino Carmillo, para a carteira hypothecaria o dr. Lopes Chaves; da industrial o dr. Antonio Paes de Barros; da emissão, dr. Joao Tobias de Aguiar; sub-gerente para a sede do Banco, o sr. Eloy Cerqueira; chefe da contabilidade, Jorge Taylor Ewbank; gerente em Santos, Luiz José dos Santos Dias; advogado, dr. Bernardino de Campos; engenheiro-chefe Francisco de Paula Ramos de Azevedo; fiscal, dr. Martim Francisco Sobrinho; dito dos auxilios á lavoura dr. Aolpho Gordo; não contando o sr. Lopes

de Oliveira e mais outros que vem no novo methodo.

Se a abolição trouxesse alguma nova forma de governo, que bom para nós; não estariam tantos abolicionistas morrendo de fome, sem ter um braço poderoso que os ampare

Quando o partido liberal esteve no poder, conseguimos, para o nosso companheiro de trabalho Antonio Paciencia, um lugar na immigração: assim que subiu o partido republicano, tomou conta da immigração o dr. Martinico Prado, e a primeira cousa que fez foi dispensar do emprego o Paciencia e encaixar no lugar um antigo capitão do matto de Jundiahy, sargento Americo, que fez annos tantas vezes na Redempção.

Quando será o dia dos abolicionistas carregarem uma cruz pesada como esta que carregam actualmente esses patriotas?

Salve, 13 de Maio

Salve, 13 de Maio, glorioso alvorecer da liberdade brasileira!

Salve, tres vezes salve, fecundo sol da livre America!

Foi neste jubiloso dia, que a nuvem que obumbrava o sol da patria, rompendo-se ante as azas de propicia aura, desapareceu para sempre deixando resplendente de luz, de gloria e de alegria o astro luminoso que radia sob o solo de um povo immenso de irmãos queridos.

O colosso americano jámais se pejará de contar em seu seio a proscripta classe de escravizados seres.

O hymno da liberdade, soando unisono em toda a região do cruzeiro alçou bem alto o excelso pendão da immaculada redempção, unindo pelos laços fraternos um grande povo, que a iniquidade e ambição haviam arredado da communhão da patria livre.

Não mais um só gemido do infeliz escravo jungido ao ferreo tronco de sanguinario monstro. Não mais uma lagrima da inditosa mãe contemplando a fúria da volupia infrene dos mandões do lar.

Não mais um dorido—ai!—dos paes saudosos, testemunhas mudas da separação forçada dos queridos filhos.

Não mais o cruento açoute de disciplina infame, echôará dorido na feroz senzala.

Tudo findou ante a gloriosa lei da redempção do escravo.

Sublime lição da historia brasileira!

A posteridade gravará em pedestal de ouro a dacta gloriosa de tão grandioso feito, relembrando os nomes dos queridos filhos, que aureolados com a corôa da immortalidade, levaram a cabo seus titanicos esforços.

Os duros grilhões do captivo, espedaçados ante a opinio poderosa de um povo altivo, sumiram-se para sempre da face da nação, deixando em sua passagem altamente collocados os nomes gloriosos dos conquistadores da liberdade.

Se por todas as localidades houve homens que cobriram de glorias com a promulgação da aurea lei de 13 de Maio cuja dacta relembramos, em nossa plaga paulistana contemplamos orgulhosos o vulto venerando do dr. Antonio Bento de Souza e Castro como o athleta vigoroso sob cuja direcção e intrepidez, os abolicionistas jámais temeram ante a campanha pertinaz da cruzada civilisadora e santa

Quando sua residencia varejada pelos esbirros da policia, era revistada em todos os recantos, as lévas de escravatura passavam incolumes pelas ruas da capital em busca da liberdade nas terras livres dos herôes Andradas.

E' que os planos de Antonio Bento se executavam precisamente sem receios ou temores da opposição negreira

Eu te saúdo, querido filho da patria, com o mais ardente voto pela tua bravura e nunca desmentida dedicacão em prol da classe soffredora.

O teu nome jámais se apartará do glorioso dia 13 de Maio, como o astro que acompanha eternamente o grandioso e inolvidavel sol da liberdade brasileira.

Salve, 13 de Maio, salve!

S. Paulo, 13 de Maio de 1890.

JOAQUIM CARNEIRO DA SILVA BRAGA.

O Reverendissimo Conego

JOAQUIM DE SOUZA OLIVEIRA

Todos hão de estar lembrados da lucta que tivemos para convencer ao sr. conego Oliveira, que elle devia ser abolicionista, já porque era padre, já porque era negro.

Foi malhar em ferro frio, o sr. conego Oliveira foi escravocrata até o dia 13 de Maio de 1888

Cousa notavel.

Não ha exemplo de preto morrer de febre amarella, pois bem, o sr. conego Oliveira, quando houve a febre amarella em Santos, quando elle devia estar presente consolando os enfermos, distribuindo esmolos aos pobres, abandonou a sua parochia, sendo preciso que padres de outra localidade lá estivessem fazendo as suas obrigações.

Note bem o Zé povo santista, negro não morre de febre amarella.

Duas occasiões teve esse sr. vigario de Santos de fazer um bonito papel neste mundo; a abolição e a febre amarella de Santos.

Da abolição foi elle o maior inimigo, não querendo ouvir os lamentos de uma mãe, que queria a troco de dinheiro comprar a liberdade de um filho que era seu escravo.

Na febre amarella, quando Santos extorcia-se nas dores, quando aquelle povo tao abolicionista e generoso, precisava de consolo, o tal padre, bota o arco, abandona sua parochia.

Note-se, Zé povinho que negro não morre de febre amarella.

Separada a Igreja do Estado entendeu esse padre celebrar-se convidando o povo santista para uma reunião no consistorio da matriz dessa cidade, afim de ser tomada uma resolução *especulundrificica* e radical contra o positivismo.

Ora bôllas seu padre!

A verdade é que esse padre arranjou umas meias vermelhas em attenção aos serviços que nunca fez, ao passo que outros padres envelhecem sem nunca pilharem uma prebenda dessas, e até sao suspensos quando pretendem.

A proposito da tal reunião contra o positivismo o *Paff* frigio e estalou a seguinte pipóca:

Julga que o positivismo
Póde entreter os seus ocios
Que fará bons negocios
Como fez... no escravagismo.

Ao Dr. Antonio Bento

Eu te saúdo o intemerato chefe do abolicionismo paulista, fôstes vós que alentastes no animo dubio e hesitante dos batalhadores da grande causa nacional, a idéa final da victoria, quando devido as insidiosas manôbras dos ferrenhos escravagistas, que dispuñão, a seu talento de todo o funcionalismo publico, dos cofres do erario nacional, da cornucópia das graças e favôres, dos empregos lucrativos, das gôrdas empreitadas e sobre tudo da maioria das autoridades publicas sujeitas as indicações dos barões feudaes encastellados nas suas negregadas « Bastilhas » a que elles denominavam « fazendas », desenvolveram a mais terrivel das perseguições aos apóstolos dedicados da mais sublime das causas!

Quando esses valentes soldados defensores da liberdade, eram ameaçados de morte, encarcerados e expulsos dos seus lares, pelas hóradas sanguisodentas dos « Capões do Matto » fôstes vós que traçastes á frente de meia duzia de companheiros invenciveis, o soberbo plano da debandada em massa dos infelizes escravizados.

Huma vez traçado esse plano e pôsto logo em pratica, começou o abalo dos « Barões Feudaes » e então elles recorreram aos braços heroicos e gloriosos dos defensores da honra e integridade da patria — do nosso exercito e armada — afim de ver se podião conter a fuga das suas desgraçadas victimas: baldado esforço, porém, « esse exercito e essa armada » que havia poucos annos tinham varrido do sólo da patria a invasão dum inimigo barbaro e audaz, e que fóra além, no proprio territorio do invasor esmagar as hostes da tyrania e libertar um povo inteiro, não podia se curvar a tão triste e degradante mistér: assim pois os martyres fugitivos, guiados pelos vossos famosos *Capões*, deixavamos eitos desertos, os paços e os terriveis engenhos, onde o tronco, o azorráque e todos

os instrumentos de tortura dos infames inquisidores de outro tempo, eram de novo empregados, cynicamente, revoltantemente, em pleno seculo 19º; seculo das luzes, da ordem e do progresso!!!

Foi, pois, devido a esse esforço vosso e dos vossos denodados *caifdzes* que tiveram de capitular os vossos terribes inimigos, que batidos e esmagados, sem orientação entregaram-se estupidamente aos homens que fizeram o glorioso « 13 de Maio de 1888. »

Ave Patria! Ave libertas que sera tamen!

O 13 de Maio de 1888 foi o percurso glorioso e infallivel do 15 de Novembro de 1889.

S. Paulo, 13 de Maio de 1890

J. L. DA C. SOBRINHO.

LIBERTOS CONDEMNADOS

Era consequencia natural e immediata que depois da lei 13 de Maio de 1888 o governo concedesse amnistia a todos aquelles criminosos que não o seriam se não existisse a escravidão.

Por um acto denominado de clemencia imperial se fez baixar um decreto em que se perdoava os escravos criminosos.

Triste illusão!

Só foram perdoados os que já não precisavam, pois tinham morrido.

E' preciso que o novo governo, que procura fazer justiça, faça baixar um decreto mandando desentulhar as cadêas e dê liberdade áquelles que cansados de soffrer, em um momento de desespero, mataram os seus verdugos.

Si o ex-imperador do Brazil foi illudido, o cidadão Generalissimo Deodoro, que hoje está á frente do governo saberá não ser.

Esperamos o perdão para os infelizes, pois é consequencia logica da Lei Aurea que hoje festejamos.

Que fim levou o Coco?

Sabem todos que aqui em S. Paulo ha uma balda de formarem associações, nomearem directores e thesoureiros e no fim desaparecer tudo inclusive o côco.

Creou-se um instituto de advogados, Todos os juizes e advogados, tanto da Capital como do interior entraram com dinheiro e nao sabemos o fim que levou esse instituto.

Creou-se uma assosiação medica, também devia haver um thesoureiro, nao sabemos que fim levou.

Creou-se uma irmandade de S Francisco dos estudantes, não sabemos que fim levou a irmandade com todas as opas, cruces e etc...

Tambem tinha um thesoureiro....

Haviam aqui 2 batalhões de guardas nacionaes, 1º e 2º. Grande numero de soldados entravam annualmente com a quantia de 48\$000 para a caixa desses batalhões;...

Cada um delles tinha o seu competente thesoureiro....

Creou-se uma sociedade de immigração, onde de vez em quando, sob a presidencia do Sr. Couto de Magalhães, discutiam se questões de alta transcendencia, como o fabrico do pão de milho, para substituir o uso da cangica e ainda outras cousas de mais importancia.

Um dia resolveram dissolver a sociedade sem dar entretanto applicação a um conto e seis centos, ou mais, que havia em caixa.

... Quem será o thesoureiro?.....

Tambem existia a caixa emancipadora Luiz Gama, sujeita pelo regulamento á inspecção do juiz de orphaões, onde os pobres pretos depositavam seus peculios Veio a abolição, dissolveu-se por tanto a caixa....

Onde o thesoureiro?....

Todos esses dinheiros dispersos, si alguma mão piedosa pudesse cavar em *ermo outeiro* com ferrugenta enxada, lavia de por forza encontrar aquelle epitaphio que Bocage queria que pusessem em sua sepultura.

GRANDE DROGARIA CENTRAL

44--RUA DE S. BENTO--44

Fundada em 1881

No Estado de São Paulo foi o primeiro estabelecimento de drogas por atacado e que, fazendo grandes sacrificios, tem encaminhado o mesmo Estado a sua emancipação neste ramo de commercio

As valiosas relações entabuladas com as principais praças de Europa e America do Norte são o mais solido elemento com que conta o mesmo estabelecimento para nullificar toda competencia de casas congeneres da Capital Federal

GRANDE DEPOSITO DOS SEGUINTE PRODUCTOS CHIMICOS

Iodureto de potassio, sulfato de quinina e outros saes de quinina. Acido tartarico, acido citrico, pós de Joannes, mercurio doce, iodoformio, cremor de tartaro, etc., etc.

~~as~~ DROGAS ~~as~~

Sal amargo, sal de glauber, Manná, pedrahume, rhuibarbo, ipecacuanha, sene, lupulo, sabugueiro, camomila, quina, canella, etc., etc., etc.

ESPECIALIDADES

Productos de Eugenio Marques de Hollanda.

Vinho de quinium Labarraque.

Vinho de Vivien

Pastilhas de Dthan

Productos de Silva Araujo & Comp.



Vinho de Aroud.

Pilulas de Bristol, Ayer e Kemp.

Pastilhas de Kemp.

Xarope de Easton.

Xarope de Lagasse, etc., etc., etc.

AGUAS MINERAES NATURAES

Agua de Vichy, dita de Vidago, dita de Rubinat, dita de J. Uniady Janos, dita Friedrischaller, dita de St. Galmier, dita de Contre-xerville, etc., etc., etc.

ACCESSORIOS --- Vidros e vaslhames para pharmacias, vasos de cer. algodão puro e medicinal. thermometros, collares electricos, caixas para pilulas etc., etc.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

GRANDE DROGARIA CENTRAL

JOÃO CANDIDO MARTINS & COMP.

S. PAULO